

EDUCAÇÃO INFANTIL AMBIENTAL: VERDEJAR OS ESPAÇOS E DESEMPAREGAR AS INFÂNCIAS

Marilian Boachá Sampaio ¹

Emanuela Bernardino da Silva ²

INTRODUÇÃO

Vivemos em um cenário de transformações ambientais aceleradas, resultado direto dos processos de urbanização desenfreada e da exploração intensiva dos recursos naturais. Os efeitos dessas mudanças já são percebidos: enchentes frequentes, ilhas de calor, eventos climáticos extremos e instabilidades ecológicas que nos mantêm em constante estado de alerta. Diante desse contexto, não basta apenas promover a adaptação às novas condições, é imperativo formar sujeitos críticos, conscientes da importância da conservação ambiental para as presentes e futuras gerações. No entanto, essa formação ética e sensível só é possível a partir da criação do vínculo por meio do contato direto com a natureza. Como esperar que uma criança compreenda o valor da terra, da água, das sementes, se nunca teve a chance de tocá-las, senti-las ou vivenciá-las? Se não compreende o caminho do alimento que chega ao seu prato, do ar que respira, dos ciclos que fazem parte da sua própria vida e que perpassam a natureza? A ausência de contato direto com o mundo natural compromete não apenas o desenvolvimento integral da infância, mas também a construção de uma cultura de cuidado e pertencimento.

O empobrecimento ambiental dos espaços educativos vem impondo limites às experiências sensoriais e simbólicas das crianças, principalmente as oriundas de contextos de alta vulnerabilidade socioambiental. Neste sentido, é necessário reestruturar os espaços públicos, em especial os de uma creche, a fim de transformá-los em um lugar que possibilite às margens o bem viver com a terra como direito promovendo a justiça ambiental (A CARTA DA TERRA, 2000). Repensar a relação entre humanidade e natureza, questionando o modelo ocidental que separa cultura e ambiente, e buscar a cosmovisão dos povos indígenas, que nos lembra que a criança

¹ Doutora do Curso de Etnobiologia e Conservação da Natureza da Universidade Federal Rural de Pernambuco - PE, marilian.1247476@prof.educ.rec.br;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - PE, emanuela.1271067@prof.educ.rec.br;



nasceu para florescer e que a Terra não é um lugar que habitamos, mas um ser com o qual coabitamos (MUNDURUKU, 2012; KRENAK, 2019). Perceber no movimento decolonial de “desemparedamento das infâncias” como um convite de reencontro com a vida, onde as crianças têm direito à terra, ao céu, ao tempo e ao corpo em liberdade pelos espaços (TIRIBA E PROFICE, 2023).

Sob a ótica da agroecologia enquanto prática ancestral e saber coletivo, entendemos o cultivo não apenas como técnica, mas como relação, assim como nos ensina Nego Bispo (2019) ao afirmar que “a terra dá, mas a terra quer”. A agroecologia, nesse contexto, se constitui como uma forma de resgatar práticas comunitárias, interdependência e o tempo orgânico da natureza. É com base nessa perspectiva que buscamos integrar crianças, educadoras e território em um processo educativo sensível e descolonizador (BISPO, 2019).

Haja vista que a educação é tida como um caminho de desenvolvimento existencial, respeitando os ritmos próprios da criança (STEINER, 1994), o cuidado cotidiano com a terra e as plantas possibilitam uma experiência de vínculo e construção da autonomia (PIKLER, 2016). Assim, ressaltamos o potencial transformador desse projeto, considerando tanto o aspecto ecopedagógico (GADOTTI, 2000) quanto da ética do cuidado (BOFF, 1999), fortalecendo a criança como ser de direitos, capacidades próprias e que necessita ser observada enquanto ser global, com sua construção integral enquanto ser humano (PIKLER, 2016; STEINER, 1994; MONTESSORI, 1965). A criação de ambientes ricos em sentido, que valorizam a autoeducação e a escuta atenta da criança como protagonista (MONTESSORI, 1965; EDWARDS et al., 2015), bem como reconhecer os saberes ancestrais e das comunidades, reforça o processo educativo como caminho da coeducação entre os atores (FREIRE, 2001).

O presente projeto teve como objetivo geral transformar os espaços da unidade em territórios educativos vivos, onde o contato com elementos da natureza se tornasse cotidiano e significativo, promovendo vivências de cuidado, pertencimento e auto reconhecimento.

METODOLOGIA

Este projeto foi realizado na Creche Escola Municipal Dorgiane dos Santos Xavier Souza, situada no bairro da Campina do Barreto, Recife-PE. A experiência emergiu da constatação de que a maior parte do tempo de muitas crianças da unidade



educacional, com idades entre 1 ano e 5 anos e 11 meses, era vivida exclusivamente dentro das salas de referência ou em espaços da unidade quase estéreis. Vale salientar que as crianças atendidas por esta unidade encontram-se em alta vulnerabilidade social e ambiental, inclusive algumas habitando palafitas às margens do canal bem à frente da creche.

Os espaços externos à sala de referência, quando não ociosos, apresentavam pouca ou nenhuma vegetação, corredores com brita e forte incidência solar, solos impermeabilizados e uma pequena área com árvores que precisavam ser compartilhadas por todas as turmas em curto espaço de tempo. Desta forma, cada espaço da creche foi escolhido para um tipo de intervenção, seja ela de plantio de hortaliças, canteiros com flores, ou criação de coberturas que diminuíssem o efeito de ilhas de calor, como no pátio externo.

A primeira intervenção foi à frente da cozinha, em uma pequena área de 15m², que não era utilizada, começamos a plantar uma pequena área, adotando práticas agroecológicas de plantio e manejo. Plantamos milho amarelo crioulo e feijão, realizando pela primeira vez um plantio de grãos, e com atravessadas por muito encantamento as crianças acompanharam a germinação e crescimento destas sementes. A intenção maior estava no processo de plantar, acompanhar e vivenciar o ciclo da vida acontecer. No início do segundo semestre, realizou-se a construção coletiva de novos canteiros circulares, com diversos vegetais e hortaliças como beterraba, rabanete, alface americana, coentro, cebolinho, tomate, pepino, quiabo, tomate, entre outros, ocupando por completo toda a área de terra para plantio. A horta que já existia no quintal ganhou novos plantios, aumentando a rede de vínculo e cuidado das crianças e educadoras(es).

As crianças são convidadas diariamente à observar o crescimento das hortaliças, realizar a manutenção com a retirada de espécies invasoras, adição de adubo natural (como borra de café, cascas de ovos, frutas e legumes), a rega e a colheita com destinação final para preparação de alguma receita culinária ou para levarem para casa e ser utilizada pela sua família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira transformação perceptível foi a relação entre as crianças e os espaços da creche, inclusive com as áreas que antes não tinham acesso, como a área de lavanderia onde elas buscavam a água para regar, que possibilitou maior integração das



crianças em todo contexto escolar. Perceber como esses espaços ganharam vida à medida em que as crianças o ocupavam, demonstra como as vivências cotidianas de cuidado podem ser potentes para o aprendizado das crianças. Além disso, criar essa polaridade nas vivências de ora estar em uma sala fechada (contração), ora em uma área aberta (expansão), possibilita à criança sentir e desenvolver seus próprios ritmos internos, como a respiração.

As mudanças comportamentais das crianças foram notáveis. Elas se tornaram mais calmas durante as atividades, demonstrando paciência ao regar, curiosidade pelos insetos e pequenos seres da terra, e delicadeza ao tocar as folhas. Gestos que antes expressavam descuidos, como arrancar folhas ou pisar sobre as plantas, foram substituídos por movimentos de afago e respeito, como alisar as folhas com as mãos abertas. Essa mudança de gesto revela um aprendizado ético profundo, que, como destaca Boff (1999), nasce da experiência de cuidado e da consciência da interdependência entre os seres.

Foi central nesse processo o uso do consórcio agroecológico como metáfora viva: ao observar diferentes espécies crescendo lado a lado, com tempos e necessidades distintos, as crianças eram convidadas a reconhecer também suas próprias singularidades (GADOTTI, 2000). Essa metáfora foi intencionalmente trabalhada pelas(os) educadoras(es), associando os ciclos naturais aos processos de desenvolvimento humano e alinhando-se ao pensamento freiriano de que “ninguém se forma sozinho, os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 1996).

A ampliação da sensibilidade e da atenção reflete um processo de educação dos sentidos, conforme propõe Steiner (1994), em que a vivência estética e corporal se torna fundamento do desenvolvimento humano integral. As crianças começam a reconhecer os ritmos da natureza e a situar-se dentro deles, observando o tempo da semente, da germinação, do crescimento e da colheita. Ao acompanhar esses ciclos, também passaram a reconhecer o próprio crescimento, como expressou uma delas ao dizer: “*eu também cresci*”. Essa fala traduz o sentido simbólico da experiência: ao cultivar o mundo, a criança se cultiva.

O projeto também produziu impactos na cultura institucional. A adesão da equipe vem crescendo gradualmente: alguns funcionários da limpeza e da cozinha passaram a interagir e participar dos momentos com as crianças com palavras de incentivo ou ajudando na organização e limpeza. Outras professoras começaram a incluir momentos de cuidado com a horta ou propuseram atividades de plantio de outras



plantas em outros espaços. Além disso, a equipe gestora também apoiou com a aquisição de materiais e ampliou a relação intersetorial com a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAS) para a aquisição de mudas e orientações de práticas de manejo. A fim de fortalecer esta iniciativa e dar continuidade ao trabalho desenvolvido, a equipe de escrita do Projeto Político Pedagógico incluiu como um dos objetivos da instituição às atividades pedagógicas que devolvam às crianças o direito ao contato com a terra e a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de plantio, cuidado e colheita transformaram a creche em um território de pertencimento e sentido. As crianças começaram a se reconhecer como parte da natureza, e seus novos gestos têm efeito direto sobre o ambiente que as cerca. Essa vivência ecológica sensorial e afetiva, é o primeiro passo para a construção de uma ética do cuidado e da responsabilidade, bases da justiça ambiental.

Os efeitos do projeto extrapolaram o campo pedagógico, alcançando dimensões socioculturais e emocionais. As crianças se tornaram mais cooperativas, cuidadosas e curiosas. As educadoras ampliaram suas práticas, integrando os tempos do cultivo à rotina da creche. As famílias recebem os materiais colhidos pelas crianças e reconhecem o valor do trabalho realizado. A creche, aos poucos, se transforma em um espaço vivo, verde e comunitário.

No futuro, espera-se que as crianças que hoje cuidam das hortas se tornem sujeitos conscientes, críticos e sensíveis, capazes de compreender que a sustentabilidade não é um conceito abstrato, mas uma prática cotidiana de amor à vida. Assim, verdejar os espaços da creche é também verdejar o futuro. Além das práticas com a terra, o projeto articulou vivências com elementos do cotidiano cultural e alimentar das crianças. Colheitas, experimentações de ervas como manjerição e hortelã vem gerando oportunidades de descobertas de novos sabores pelas crianças. Desemparedar não é apenas sair da sala referência, é conviver em espaços convidativos e agradáveis onde a natureza ensina e convida à brincadeira, investigação e descobertas.

Palavras-chave: Educação ambiental infantil, Sustentabilidade, Emparedamento, Infância e Natureza, Práticas pedagógicas.



REFERÊNCIAS

- A CARTA DA TERRA. **Carta da Terra: princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica.** Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/secex/dea/3a-jornada-de-educacao-ambiental/material-de-apoio/cartadaterra.pdf> Acesso em: 03 out. 2025. 2000.
- BISPO, Antônio. **Colonização, Quilombos: modos e significações.** 2. ed. Brasília, DF: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), 2019.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Penso, 2015
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra.** São Paulo: Peirópolis, 2000.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LUZ, Flávia Nascimento da. **Os jardins da infância: ética e estética do cuidado com a natureza na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.
- MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança.** São Paulo: Editora Flamboyant, 1965.
- MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro: uma proposta de reeducação para as relações étnico-raciais.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- PIKLER, Emmi. **Educar seus filhos: o prazer de cuidar.** São Paulo: Triom, 2016.
- STEINER, Rudolf. **A educação da criança segundo a ciência espiritual.** São Paulo: Antroposófica, 1994.
- TIRIBA, Lia; PROFICE, Cristiane (orgs.). **Desemparedamento das infâncias: natureza, cultura e educação.** Rio de Janeiro: Autografia, 2023.

